

Da Concepção à Prática: Uma Experiência na APA Morro do Urubu

Daniele Santana de Melo¹

Mônica Andrade Modesto²

Maria Inêz Oliveira Araujo³

RESUMO: Atualmente o planeta vem sofrendo transformações no que diz respeito ao meio ambiente. O objeto de estudo deste trabalho é a Área de Proteção Ambiental (APA) Morro do Urubu localizada na zona norte de Aracaju-SE, último remanescente de Mata Atlântica da capital sergipana. Dentro desta área está inserido o Parque Estadual José Rollemberg Leite – Parque da Cidade. O objetivo deste trabalho se concentrou em identificar as concepções que os participantes tem acerca da Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu e verificar em que medida as atividades metodológicas contribuíram de forma significativa para o despertar do sentimento de corresponsabilidade ambiental nos participantes. Esta pesquisa no local representa suma importância para a percepção de o quanto é preciso envolver a comunidade e os visitantes num momento de vivência.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa; APA Morro do Urubu; Educação Ambiental.

ABSTRACT: Today the planet is going through with regard to the environment. The object of this work is the Environmental Protection Area (APA) Hill of the Vulture located in the north of Aracaju-SE, the last remnant of Atlantic Forest in the capital of Sergipe. Within this area is inserted Rollemberg Leite Jose State Park - City Park. The objective of this work focused on identifying the concepts that participants have about the Environmental Protection Area of the Vulture Hill and check to what extent the methodological activities contributed significantly to the awakening of the sense of environmental responsibility in the participants. This site survey is critical to the perception of how much you need to involve the community and visitors in a moment of experience.

KEYWORDS: Research; APA Mount of the Vulture; Environmental Education

¹ Pedagoga, especialização em Educação Ambiental, e aluna da especialização em Mídias na Educação; integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental de Sergipe (GEPEASE); colaboradora do Projeto Sala Verde na UFS e do Projeto de Iniciação à Extensão- PIBIC/UFS; Professora formadora do Programa Um Computador por Aluno; danielieli@hotmail.com.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe; Bolsista PIBIC; Integrante do GEPEASE. monicamodesto1@gmail.com.

³ Universidade Federal de Sergipe/ Departamento de Educação/ inez@ufs.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do resultado de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida pela Universidade Federal de Sergipe com a contribuição da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe - FAPITEC/SE. Esta pesquisa fez parte do projeto “Processo de Implementação da Educação Ambiental Crítica com Frequentadores da APA do Morro do Urubu”.

O Morro do Urubu existe e é conhecido desde os tempos do descobrimento do Brasil. Ele já é abordado em 1587 por Gabriel Soares de Souza em sua obra Tratado Descritivo do Brasil⁴, um tratado que estabelece um dos primeiros relatos sobre as terras brasileiras que apresenta informações importantes para geográficos, botânicos, etnográficos e lingüísticos. Com o passar do tempo o entorno do bairro foi se urbanizando e surgiu a necessidade de uma reestruturação das vias de acesso. Então, em 1975 é construída a Av. Euclides Figueiredo contornando o morro do Urubu e margeando as salinas facilitando o acesso a este local. Neste mesmo ano deu-se início ainda ao processo de idealização e construção de um parque dentro da área do morro.

Embora o parque tenha sido criado, seu objetivo de proteger a mata não foi alcançado porque a população continuou utilizando as porções de terra que sobraram do morro para continuar desenvolvendo atividades agrícolas não autorizadas e ainda retiradas de recursos naturais.

Todavia, o objetivo de proteger a mata também não foi alcançado por conta de um outro fator extremamente importante: o parque foi construído, mas não houve um trabalho de sensibilização com os moradores desta área causando problemas de caráter social, econômico, político e cultural. As mudanças no Morro foram acontecendo, mas algumas práticas continuaram permanecendo como a atividade agrícola desordenada, bem como as construções irregulares no seu entorno. Por sua vez, a criação do parque tem a sua relevância, pois estabeleceu a permanência das suas riquezas naturais permitindo ao ser humano a sua apreciação e o seu cuidado de forma próxima através de

⁴ Esta informação foi retirada do Caderno A Gazetinha, parte integrante do Jornal Gazeta de Sergipe, Edição de Maio de 1985.

visitação, realização de passeios e práticas esportivas. O parque proporcionou ainda o acesso à comunidade menos elitizada a uma área de lazer.

Nasce assim o Parque da Cidade, inaugurado pela primeira vez em 12 de março de 1979 com a presença do grupo humorístico Os Trapalhões que estava no auge de sua carreira durante esta época. No entanto, fortes chuvas caíram sobre a cidade de Aracaju e acabaram destruindo a estrutura construída no local. Somente em 1985 o parque foi replanejado e reconstruído de modo que o maior enfoque foi direcionado ao lazer e à prática de esportes como é possível observar na afirmação de Plácido (2005, p. 194) quando diz que “o local oferecia serviço de charrete, trenzinho e possuía 3 campos de futebol em areia, 5 campos de futebol gramado, 4 quadras polivalentes, 2 quadras de tênis, pista de bici-cross, moto-cross, patinação e aparelhos de ginástica”.

Em 1993, é criada a Área de Proteção Ambiental (APA) do Morro do Urubu. Esta APA foi caracterizada numa unidade de conservação de uso sustentável e foi regulamentada através do decreto nº 13.713, de 14 de junho de 1993. A APA incluiu o espaço do parque e de um contingente do entorno.

Diante deste contexto surge então a necessidade de sensibilizar os frequentadores do parque de modo que estes passassem a perceber que também são pertencentes do meio ambiente. A partir desta sensibilização nasce o viés do desenvolvimento de práticas educativas objetivando a corresponsabilidade dos mesmos para com o meio no qual estão inseridos.

O objetivo da pesquisa era analisar quais as possibilidades para a implementação da educação ambiental na APA Morro do Urubu. Contudo, neste trabalho versar-se-à sobre os seguintes objetivos: identificar as concepções que os participantes tem acerca da Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu e verificar em que medida as atividades metodológicas contribuíram de forma significativa para o despertar do sentimento de corresponsabilidade ambiental nos participantes.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Atualmente o meio ambiente vem sofrendo com as ações antrópicas que modificam o espaço sem uma reflexão crítica acerca das conseqüências que tais ações podem causar. De acordo com Jacobi (2003) é necessário que haja uma reflexão sobre

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

as práticas sociais desenvolvidas pelo homem num contexto que são predominantemente marcadas pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema.

Dentro desta perspectiva está a Educação Ambiental que não é uma "fórmula mágica" que surge para resolver todos os problemas existentes no meio ambiente. A EA é um processo que deve ser trabalhado continuamente a fim de que os envolvidos no processo adquiram valores capazes de modificar suas atitudes para com o meio. Desta forma, será possível uma transformação nas ações antrópicas que refletirão na resolução dos problemas ambientais que, posteriormente gerarão qualidade de vida. Dias corrobora com esta ideia quando afirma que a Educação Ambiental é

Um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros (DIAS, 2004, p. 523).

Destarte, a EA não pode acontecer sem que haja uma intencionalidade sobre o que vai ser trabalhado. Esta intencionalidade, por sua vez, resulta na transformação das ações praticadas pelo homem. Para que este resultado seja alcançado a EA deve estar apoiada em princípios e práticas. Neste projeto o princípio adotado é o princípio crítico. Tal princípio concentra-se numa oposição ao modelo educacional tradicional onde o ensino é fragmentado e hierarquizado.

A Educação Ambiental promove a interdisciplinaridade porque está articulada com a realidade do envolvido no processo e também porque é capaz de abordar uma variedade de temáticas de diversas áreas durante a sua prática. Além das temáticas direcionadas à áreas de estudo, a EA aborda problemáticas referentes a sociedade, a cultura, a política, a ciência, a tecnologia, a ética entre outros. Loureiro apresenta o princípio crítico da Educação Ambiental incutido nas teorias críticas da educação quando diz que

Por 'teorias críticas' se entendem os modos de pensar e fazer a educação que refutam as premissas pedagógicas tradicionais de: organização curricular fragmentada e hierarquizada; neutralidade do conhecimento transmitido e produzido; e organização escolar e planejamento do processo de ensino e aprendizagem concebidos como 'pura racionalidade', pautados em finalidades pedagógicas 'desinteressadas' quanto às implicações sociais de suas práticas. Ao contrário, as proposições críticas admitem que o conhecimento é uma construção social, historicamente datada, não neutra, que atende a diferentes fins em cada sociedade, reproduzindo e produzindo relações sociais,

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

inclusive as que se referem à vinculação entre saber e poder (LOUREIRO, 2006, p. 52).

Como demonstra o autor, o princípio crítico da educação reconhece que o ensino é uma construção social dotada, portanto, de intencionalidades que buscam transformar as ações do indivíduo e despertar o seu senso crítico. Embasando-se no princípio crítico apresentado estão as práticas em Educação Ambiental desenvolvidas neste projeto.

As práticas que serão aqui apresentadas fundamentam-se numa concepção do ensino não-formal, pois acredita-se que para a implementação da Educação Ambiental Crítica não é necessário que haja um espaço de uma instituição escolar. Esta implementação pode acontecer em qualquer lugar desde que exista uma intencionalidade na prática desenvolvida. As práticas pedagógicas direcionadas para a EA não podem se concentrar na comemoração de datas comemorativas como é comum acontecer nas instituições escolares. Também não devem estar ligadas às atividades experimentais de disciplinas eminentemente práticas rotuladas de práticas em Educação Ambiental.

As práticas pedagógicas direcionadas para a EA devem estar concentradas em atividades contínuas e de longa duração, pois só assim será possível despertar o sentimento de corresponsabilidade nos seus envolvidos. As práticas em educação ambiental devem centrar-se ainda num processo que permeia a construção de valores, ideologias e reflexões acerca da transformação da ação do sujeito.

A educação não-formal cuja qual se vinculam as práticas pedagógicas desenvolvidas neste projeto é fundamentada na concepção de Gohn (2006, p. 28) onde “a educação não-formal é aquela educação que se aprende ‘no mundo da vida’, através de processos de compartilhamento de experiências, sobretudo em espaços e ações coletivos da vida cotidiana”.

Embasando-se ainda na concepção de ensino não-formal é que se definiu a metodologia que norteou o desenvolvimento dessa etapa deste projeto, uma vez que a metodologia da pesquisa-ação permite a busca pela resolução efetiva do problema encontrado no *locus* da pesquisa. Neste caso, a resolução concentrou-se em ações práticas realizadas fora do ambiente escolar, mas dotadas de uma intencionalidade de ensino.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, uma vez que não busca apenas encontrar dados numéricos, mas também dados interpretativos e possíveis soluções para os problemas lá encontrados. Neste procedimento percorremos um longo caminho investigativo para que fosse possível chegar ao final com uma proposta significativa para a transformação do que foi encontrado. De acordo com Barbier

Este tipo representa pesquisas utilizadas e concebidas como meio de favorecer mudanças intencionais decididas pelo pesquisador. O pesquisador intervém de modo quase militante no processo, em função de uma mudança cujos fins ele define como a estratégia. Mas a mudança visada não é imposta de fora pelos pesquisadores. Resulta de uma atividade de pesquisa na qual os atores se debruçam sobre eles mesmos (BARBIER, 2002, p. 43).

Além de Barbier, Gamboa (1982, p. 36) também trata da pesquisa-ação. Sua idéia complementa a idéia do primeiro autor, onde a pesquisa-ação “busca superar, essencialmente, a separação entre conhecimento e ação, buscando realizar a prática de conhecer para atuar”. Apresentar-se-à agora duas metodologias confeccionadas para o alcance do resultado deste tipo de pesquisa.

A primeira prática que foi realizada estava intitulada como Linha do Tempo (ver figura 1). Esta atividade metodológica trouxe uma exposição de fotos que retratavam o passado e o presente do parque e permitiu ao participante a oportunidade de expressar o seu desejo de como quer ver o espaço retratado nas imagens futuramente e suas concepções e reflexões sobre Educação Ambiental e sobre o modo como o homem transforma a natureza. Esta oportunidade consistiu na obtenção de relatos representados em desenhos, frases ou textos.



3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Figura 01 – Exposição da linha do tempo. Fonte: Arquivo Pessoal.

A segunda prática foi denominada de Museu Itinerante (ver figura 02). Esta atividade consistiu na confecção de um museu móvel com a mesma função de um museu institucional que é expor objetos, recordar, demonstrar a necessidade de preservar e estimular o papel importante da interpretação. Todavia, o Museu Itinerante apresenta uma característica peculiar: a de trazer esta dinâmica de exposição apresentando imagens sobre a APA, trazendo objetos inusitados que não pertencem ao espaço da mesma (como espelho, por exemplo) e também recolhendo material encontrado no próprio local.



Figura 02. Museu Itinerante. Fonte: Arquivo pessoal.

Em relação a dinâmica do museu itinerante esta embasou-se em numa prática realizada na disciplina Educação Ambiental e Sustentabilidade ministrada pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema) da Universidade Federal de Sergipe. O museu itinerante confeccionado para esta pesquisa possui dezesseis gavetas.

Estas gavetas servem para abrigar imagens e objetos. O mediador da atividade interage com o participante remetendo ao contexto da Educação Ambiental. Uma das gavetas do museu ficou livre para o visitante deixar sua contribuição para que esta pudesse ser exposta para os próximos visitantes. Diante da interação, os frequentadores observavam as imagens e os objetos e analisavam juntamente com o mediador contextualizando com as problemáticas ambientais existentes na APA.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise das produções confeccionadas pelos participantes se obtiveram os resultados que serão apresentados a seguir. Com a atividade metodológica da linha do tempo, pode-se observar as concepções de meio ambiente e do próprio Morro do Urubu que as pessoas tem, como em alguns depoimentos dos participantes nos quais relataram *“Que bom se continuássemos a preservar espaços naturais como o parque da cidade para eternizarmos momentos com a família, amigos e deixar essa herança maravilhosa para a próxima geração”, “A sobrevivência do Mundo animal só depende da ação do homem (pratique a preservação)”*. Estas percepções se manifestaram em depoimentos visuais e textuais. A partir da fala apresentada percebe-se que as práticas resultaram em dados relevantes, pois evidenciaram reflexões diante das ações antrópicas, destacaram a questão tanto da preservação como da conservação ambiental, diagnosticaram o aspecto do ambiente natural e suas potencialidades, revelaram uma postura de corresponsabilidade com o meio e sensibilizaram a respeito do apanhado histórico apresentado, revelando uma auto-avaliação do contexto apresentado.

A atividade metodológica com o museu itinerante destaca-se no envolvimento dos participantes em contemplar a explicação de cada gaveta, bem como a surpresa de encontrar em uma delas um espelho, que refletia a própria imagem do participante e

proporcionava a sensibilização. Em outra gaveta uma nova surpresa acontecia quando se encontrava lixo recolhido do próprio espaço cogitando a questão das causas, conseqüências e na possibilidade de autonomia em sugerir ideias e possíveis soluções, no viés de que através das produções realizadas por eles, observou-se uma demonstração dos mesmos serem cooperadores do processo e o sentimento de agir em favor do ambiente.

De modo que as produções referentes às duas metodologias destacaram em seus resultados a sensibilização e o ato da reflexão crítica, uma vez que houve um espaço de exposição para estas produções que favoreceu a socialização de ideias e proporcionaram impactos positivos ao contexto socioambiental da APA.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa é possível perceber que através de atividades metodológicas fundamentadas na educação ambiental não formal existem possibilidades de desenvolver práticas intencionalizadas na implementação da educação ambiental crítica e reflexiva para com freqüentadores da APA do Morro do Urubu. As atividades metodológicas apresentadas no decorrer deste trabalho tiveram como principais efeitos a sensibilização dos envolvidos, o despertar do sentimento de pertencimento e a corresponsabilidade para com o meio ambiente.

A Educação Ambiental deve ser percebida por todos em sua perspectiva holística para que todos percebam que cada um tem uma parte a fazer na luta pela preservação ambiental. A inicialização desta pesquisa na APA representa a emergência que se tem para a percepção de o quanto é preciso envolver a comunidade e os visitantes do local em momentos de vivências. Destarte, mostra-se evidente a urgência do desenvolvimento de projetos que indiquem a necessidade de reflexão sobre a implementação de uma nova abordagem educacional, a qual esteja fundamentada no conhecimento científico articulado ao contexto socioambiental do indivíduo.

Convém enfatizar que a abordagem ambiental perante as experiências vivenciadas trazem relevância e uma perspectiva tanto na idealização como na construção de cada metodologia. A aplicabilidade deste projeto favoreceu o

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

desenvolvimento das práticas proporcionadas nessa pesquisa, o comprometimento e o resgate de valores. E assim disseminou uma transformação no local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. Ed. São Paulo: Gaia, 2004.

GAMBOA, Silvio A. S. **Análise epistemológica dos métodos na pesquisa educacional**: um estudo sobre as dissertações de mestrado em Educação da UnB. Brasília: Faculdade de Educação UnB, 1982.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol.públ.Educ., Rio de Janeiro, V. 14, n. 50, p. 27-38, jan. /mar.2006.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação Ambiental e teorias críticas. IN: GUIMARAES, Mauro. **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

PLÁCIDO, Débora da Rocha. IN: FRANÇA, Vera Lucia Alves e Falcon, Maria Lucia de Oliveira. **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005.